

DEUS VISITOU O SEU POVO DANDO-LHE PÃO: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA NO LIVRO DE RUTE

*Patrícia Zaganin Rosa Martins**

Resumo

O livro de Rute narra a trajetória de uma família que precisou migrar para fora da Terra Prometida a fim de sobreviver. A esperança de uma nova vida surgiu quando, em terra longínqua, algumas mulheres ficam sabendo que “Deus tinha visitado seu povo dando-lhe pão” (Rt 1,6). No texto de Rute, transparece a bondade de Deus para com os mais necessitados. A visita que Deus faz a essas mulheres lhes traz a possibilidade de uma longa duração de vida, quer porque passam da condição de uma vida de penúria para uma vida de fartura que lhe dá condições dignas de subsistência ou porque prolongam a sua existência ao conceber um filho capaz de lhe garantir uma posteridade, colaborando com o projeto salvífico de Deus na história até a vinda do Messias. Deus não faz acepção de pessoas! Deus aceita todos os que a Ele recorrem, ou melhor, “se refugiam sob suas asas” (Rt 2,12). O cuidado de Deus para com a viúva e a estrangeira evidenciam a opção preferencial pelos pobres.

Palavras-chave: Rute. Moabita. Estrangeiro. Pão.

Abstract

Ruth's book tells the story of a family who needed to migrate away from de Promised Land just to survive. The hope of a new life arises when in faraway lands, some women knew that “God visited his people giving them bread” (Rt 1, 6). In this text Ruth shows the kindness of God for the neediest people. The visit God made to these women gave them the possibility of a longer life, by changing from a hard life to a plenty one with worth subsisting conditions and prolonging their existence by conceiving a son

* Mestre em Teologia (PUCPR).

able to guarantee their prosperity and collaborating with God's saving project in history until the Messiah's coming. God does not make difference between people. God accepts all whom appeal to him, or in a better way "those who take refuge under his wings" (Rt 2,12). The care of God for the widow and the foreign women evidences the option for the poor people.

Keywords: *Ruth. Moabite. Foreigner. Bread.*

1. Introdução

A fome é um problema tão grave na vida humana, que na história do povo de Israel se tornou livro. O livro de Rute narra a trajetória de uma família que precisou migrar para fora da Terra Prometida a fim de sobreviver. Noemi e sua nora Rute, a protagonista do livro, personificam a situação dramática da falta de alimento na “terra boa e vasta que mana leite e mel” (Ex 3,8), prometida pelo Deus Libertador ao seu povo eleito. Essa triste realidade de fome e a sua superação, narrada na Bíblia, torna-se denúncia de um sistema opressor, no qual se percebe que os governantes e os líderes daquela sociedade, que tinham um projeto bonito de fraternidade na qual não faltava terra e nem pão aos seus habitantes, não estavam sendo libertadores; ao invés disso, estavam colocando grandes fardos pesados na vida do povo de Israel.

Surge, então, esperança de uma nova vida quando em terra longínqua algumas mulheres ficam sabendo que “Deus tinha visitado seu povo dando-lhe pão” (Rt 1,6). A boa notícia de uma intervenção favorável de Deus, a sua visita salvadora ao povo sofrido, transforma a situação de miséria desse povo faminto em expectativas e projetos de uma vida melhor. Os olhos daquela gente voltam a brilhar e o coração cheio de sonhos com tal notícia impulsiona duas pobres viúvas, sogra e nora, uma judia e a outra moabita, a voltarem à terra de Judá em busca de uma vida digna, na tentativa de reconstruir a sua história. Mas o problema da fome só será superado quando o povo marginalizado e excluído, representado aqui por duas mulheres, se organizar e clamar por justiça fazendo valer seus direitos prescritos na Lei.

Estamos diante de uma história atual, que nos coloca em contato com o drama da migração de tantas pessoas que fogem de seus países não só devido às guerras que matam e destroem, mas também por causa da pobreza e da impossibilidade de prover e assegurar o futuro das suas famílias. Hoje, assim como no tempo de Rute e Noemi, há tantas pessoas famintas, marginalizadas e excluídas por sistemas políticos, econômicos e religiosos que massacram os mais pobres em vista dos interesses dominantes. A história dessas mulheres permanece atual, seu heroísmo convida o leitor de hoje a não se conformar com as injustiças sociais

que lhe são impostas por qualquer sistema que se mostre opressor. Sua confiança no Deus Libertador impele a lutar com entusiasmo por seus direitos e, junto com a comunidade, encontrar estratégias eficazes que possam solucionar o problema da fome, para que não falte o pão, o pão de cada dia, que é um direito de todos. É a partir da união e reorganização da vida em comunidade que poderá vir a solução diante da falta de pão que aflige a vida do povo de Deus.

2. O gênero literário e a época em que foi escrito o livro de Rute

No período do pós-exílio, paralelamente ao surgimento da literatura sapiencial, desenvolveu-se um novo estilo literário em forma de novelas populares, ou seja, uma composição fictícia que apresentava uma mensagem diferente como apelo e proposta: apelo para resistir à política da época proclamada pela reforma de Esdras e Neemias (Lei – Raça – Templo); proposta de um projeto que tem suas raízes na tradição do povo (CRB, 1993, p. 236-237). Nessas novelas as experiências e os problemas são condensados e expressados simbolicamente em um fato concreto, no livro de Rute “a narrativa é um episódio simples da vida diária, com fina descrição das personagens e diálogos realísticos” (MCKENZIE, 1983, p. 738), trata de problemas dos lavradores no interior de Judá. É característico também desse gênero literário demonstrar certa despreocupação em relação a aspectos de geografia e cronologia, o que torna difícil datar com precisão quando a obra foi escrita.

Existem diferentes opiniões sobre a data em que o livro de Rute foi escrito. Porém, há um consenso significativo entre a maioria dos estudiosos e prevalece a opinião, em favor de muitos argumentos, que a obra foi composta na época pós-exílica, por volta de 450 a.C., período em que a comunidade judaíta estava passando por problemas característicos da época da dominação persa (MCKENZIE, 1983, p. 738). Algumas evidências fundamentam a proposta de situar o livro de Rute no período do pós-exílio:

- a) O autor situa a história no período dos juízes (1,1), porém, “a época dos juízes constituía já uma recordação histórica” (VIRGULIN, 1976, p. 94). E além de não aparecer a figura do juiz ou da juíza, nem mesmo se usa o verbo julgar do início ao término da narrativa. Então, ao colocar a história no início do livro na época dos juízes, o autor estaria usando um artifício literário para indicar que se trata de um tempo em que não existe uma monarquia em Judá;
- b) O tema específico do livro está relacionado a problemas que envolvem a construção da identidade judaica. A obra aponta para um protesto contra o rigor de Esdras e Neemias na repressão e até o divórcio de casamentos

entre judeus e estrangeiros (Esd 10; Ne 13,23-27), uma “tomada de posição contra o rigorismo pós-exílico a propósito de matrimônios mistos e contra a xenofobia de certos espíritos nutridos em nacionalismo racial” (VIRGULIN, 1976, p. 94);

- c) A migração da família de Elimelec para Moab e a volta de Noemi e Rute a Belém (1,1.6-7) é um grande indicador que sugere relação com o exílio na Babilônia e a volta para Judá a partir do edito de Ciro em 538 a.C.;
- d) Semelhanças com o livro de Jó (1,38-42) na maneira de conceber o sofrimento, a retribuição e a benevolência divina. E o seu estilo verboso é parecido com os livros de Ester, Crônicas, Esdras e Neemias. Todos esses escritos são posteriores ao exílio. E, além disso, “o sentido universalístico apresenta analogias com uma mentalidade pós-exílica” (VIRGULIN, 1976, p. 95).

Com base nesses argumentos vamos contextualizar o livro de Rute e a sua mensagem na época pós-exílica, mais precisamente no século V a.C., durante o período da reforma de Esdras e Neemias, quando a comunidade judaíta era governada pelo império persa.

3. A fome faz migrar (1,1-5)

O ponto de partida do livro de Rute é a apresentação de um grave problema que perpassa toda a história até a sua superação: a falta de alimento nas terras de Judá, mais precisamente em Belém. É por causa de uma grande fome que um judeu chamado Elimelec migrou para as terras de Moab com sua esposa Noemi e seus dois filhos, um chamado Maalon e o outro Quelion. A fome fez essa família abandonar sua terra e a necessidade os obrigou a viver dez anos em Moab, terra localizada a leste de Judá, além do Jordão.

Embora fossem vizinhos, os moabitas viviam em conflito com os israelitas (Jz 3,12-30). Uma atitude pouco amigável e fortemente relacionada a um dos temas do livro de Rute já transparece na lei de Dt 23,4, que não permite que nenhum moabita se case em Israel ou se torne membro da comunidade. Havia até uma história perigosa que os judeus contavam sobre a origem dos moabitas (Gn 19) e a filha mais velha de Ló teria dado origem ao povo de Moab (Gn 19,37). A morte e o sepultamento de Moisés se deram em Moab (Dt 34) (MCKENZIE, 1983, p. 569-570).

Elimelec morreu em Moab e seus filhos casaram com mulheres moabitas: Orfa e Rute. Os dois filhos morreram sem deixar descendência e Noemi ficou sozinha, sem filhos e nem marido, numa terra estrangeira, com duas noras estrangeiras. As três viúvas, pobres e sem recursos, sem marido e sem filhos. Para aju-

dar o povo a entender melhor o sentido da sua história e a causa da sua desgraça, o autor usa uma estratégia onde o nome de todos os personagens que aparecem no livro de Rute tem um sentido escondido que revela o que a pessoa é e faz dentro da história (MESTERS, 1991, p. 24-25).

O nome do marido e pai, *Elimelec*, significa *Meu Deus é Rei*. Faz lembrar como era bom o tempo em que Deus era rei de Israel e como foi desastrosa a história dos reis que fez morrer a fé em Deus, Senhor e Rei do povo, assim como aconteceu com Elimelec (1,3). *Noemi* significa *minha doçura*. *Maalon*, nome do primeiro filho, significa *enfermidade*, e *Quelion*, nome do segundo filho, significa *desfalecimento*, são nomes que anunciam morte próxima (BÍBLIA..., 2003, p. 385). Israel e Judá, os dois filhos nascidos da aliança entre Deus e o povo, esqueceram que Deus era o seu Rei e Senhor, e andaram atrás de outros deuses e outros senhores, por isso foram ficando *doentes e frágeis*. Foi o que aconteceu com Israel e Judá, foram se acabando e o que deles sobrou foi levado para o cativo, onde se misturaram com os outros povos.

Pelo valor simbólico dos nomes próprios dos semitas, alguns pesquisadores veem por trás destes nomes personagens fictícios. Mas, seja como for, “pode-se razoavelmente supor que a substância da narração se baseia em fatos históricos, transmitidos por tradições familiares” (VIRGULIN, 1976, p. 98) considerados muito importantes para animar a caminhada do povo de Deus. Através desses nomes o autor pinta um quadro que faz transparecer o cenário caótico inicial da narrativa, uma situação dramática que apresenta os problemas a serem enfrentados: falta de pão, falta de terra e falta de um filho que possa dar continuidade à família e garantir o futuro.

4. A visita de Deus (1,6-22)

Rute e sua sogra Noemi vivem na penúria nos Campos de Moab, desprotegidas sofrem na sua viuvez com a falta de pão sem saber o que fazer, porém não perdem a confiança em Deus. E é ao saber “que Deus tinha visitado seu povo dando-lhe pão” (1,6), que essas mulheres recobram a esperança de uma vida duradoura e unidas tomam a firme decisão de voltar à Belém para reconstruir sua história.

A história da caminhada do povo de Deus mostra que a intervenção favorável de Deus por meio de sua visita salvadora no Antigo Testamento (MARTINS, 2017) acontece na vida de pessoas em situações vulneráveis. É o caso, por exemplo, que a Bíblia apresenta de algumas mulheres ou de um grupo de pessoas, ou uma comunidade que poderá tornar-se um povo numeroso e abençoado por Deus.

No livro do Gênesis encontramos o relato da visita que Deus faz a Sara, para cumprir a promessa feita a Abraão de dar-lhe uma terra, uma descendência

e a sua bênção (Gn 12,1-3). A atuação de Deus na vida de Sara e Abraão concede a perpetuação da aliança por meio dos seus descendentes até a constituição do povo eleito. Rute, a moabita (1,22), uma mulher viúva e estrangeira, ampliará os benefícios da visita que recebe de Deus dando continuidade a uma descendência que será contada até o nascimento de Jesus, o Messias (Mt 1,5-16).

A visita de Deus ao povo oprimido no Egito, quando a vida se tornou dura e amarga (Ex 1,11.13), é considerada a mais importante no Antigo Testamento e tornou-se o protótipo das intervenções libertadoras de Deus ao seu povo em situações de opressão. Foi ali, naquela situação extrema de opressão, que Ele se manifestou como o Deus Libertador: “De fato vos tenho visitado e visto o que vos é feito no Egito” (Ex 3,16). E o povo reconheceu que nesta intervenção Deus veio ao seu encontro, acreditaram em sua visita libertadora (Ex 4,31) e assim partiram da terra da escravidão. Foram alimentados por Ele com carne e pão quando sentiram fome durante a dura caminhada no deserto (Ex 16,13-15) rumo a Canaã, terra que “mana leite e mel”, para sustentar seu povo como uma mãe alimenta seus filhos. E estabelecidos na Terra Prometida viveram tempos de paz onde todos tinham terra, tinham pão e viviam unidos em família sob o reinado de Deus e a presença de juízes para julgar seus problemas.

É por causa dessa boa notícia, a visita de Deus, que animou e salvou tantas vezes o povo da aliança, que Noemi decide voltar para Belém. A palavra voltar ocorre doze vezes, portanto trata-se de uma palavra-chave, embora nem sempre tenha o mesmo sentido (MESTERS, 1991, p. 28). Para Orfa e Rute, significava voltar para a casa do pai e permanecer em Moab. Para Noemi, significava sair de Moab e voltar para a sua terra em busca de pão. Significava ainda voltar às origens, aos costumes, à situação ideal da época dos Juízes. Significava voltar para Deus que libertou o povo aprisionado nas mãos do faraó.

Nessa travessia, rumo a Belém, Noemi volta de mãos dadas com sua nora Rute, a qual faz uma das mais belas profissões de fé em Deus e demonstra um grande gesto de amizade, que é justamente o significado do nome *Rute, a amiga*. A moabita recusa-se voltar para a sua família em Moab e abandonar sua sogra mesmo sabendo das dificuldades que terá que enfrentar por ser mulher, estrangeira, viúva e não ter filhos, além de ir para uma terra que não é sua e, mais ainda, junto a um povo que cultua outra divindade. Mas mesmo assim ela está decidida ao afirmar a Noemi: “para onde fores, irei também, onde for tua moradia, será também a minha; teu povo será o meu povo e teu Deus será o meu Deus. Onde morreres, quero morrer e ser sepultada. Que Iahweh me mande este castigo e acrescente mais este se outra coisa, a não ser a morte, me separar de ti!” (1,16-17). Portanto, “Rute deixa o seu povo, a moabita, deixa seu deus, Kamosh, para fazer parte do povo de Iahweh e para prestar culto somente a Iahweh. É uma decisão que une espiritualmente Rute ao patriarca Abraão (Gn 12,1-3). É um “voltar”

com a sogra que equivale a um “converter-se”. A dedicação de Rute é tão grande que ela está disposta a tudo para começar a nova caminhada de mãos dadas com sua sogra e com o seu Deus em busca de pão.

O rumo dessas duas mulheres corajosas é um só, pôr-se a caminho da cidade de Belém em Judá. *Belém* é a junção de duas palavras hebraicas (*Bet* + *Lehem*) e significa *casa do pão*. “Mq 5,1 a glorifica como local de origem da dinastia de Davi e, portanto, do futuro rebento de Davi que reinará sobre Israel” (CROCETTI, 1985, p. 190). Belém de Éfrata, o profeta a chama assim, para diferenciá-la da Belém de Zabulon (Js 19,15), é a pequena cidade onde surgirá um Salvador que fará justiça aos que têm fome. Éfrata significa *aquela que é fecundante*. E é dos pobres, dos famintos, que virá a salvação! (SIMÕES; MARTINS, 2016, p. 101-102).

5. O trabalho para ganhar o pão (2,1-23)

Noemi voltou de Moab na companhia de Rute. No entanto Orfa, sua outra nora, persuadida por Noemi, atende ao seu pedido e volta para o seu próprio povo. O contraste de *Orfa*, nome que significa *a que volta as costas*, e Rute é realçado pelo autor. Uma volta, a outra fica. Rute e Noemi, as duas juntas retornam a Belém, e sua chegada é saudada pelas mulheres da cidade (1,19). Mas devido a tanto sofrimento Noemi tem sua aparência transformada, anos haviam se passado desde que ela partira para Moab com sua família em busca de pão. E agora voltava para a sua pátria de mãos vazias e coração partido com a morte de seu marido e dos seus dois filhos. Ela que era *doçura*, torna-se *amargura* e passa a se chamar *Mara*, porque Shaddai¹ a encheu de amargura (1,20), ela que estava “cheia”, tinha marido e filhos, volta “vazia” (BROWN et al., 2012, p. 1091-1092).

A situação começa a mudar porque Belém, “a casa do pão”, não era mais deserto. A cidade a qual a fome tinha forçado Noemi partir, agora provê uma colheita em seu retorno (1,22). E as duas pobres viúvas unidas começam a se organizar para sair da penúria, superar seu luto, curar sua dor e reencontrar uma razão para viver. Em Belém há esperança de novo! Através da união, do diálogo e da solidariedade a história começa a tomar um novo rumo e se inicia uma nova oportunidade de vida para essas mulheres, que progressivamente se revelam muito perspicazes. Rute e Noemi sabem que quando se é pobre só se consegue pão orientando-se pela lei de Deus. Por meio da Palavra de Deus, elas descobrem o caminho a seguir e buscam dos seus direitos (MESTERS, 1991, p. 37-38).

1. “Shaddai” é uma designação de Deus típica da época patriarcal (Gn 171). A maioria das Bíblias geralmente traduz essa palavra hebraica por “O Todo-Poderoso” ou “O Deus Poderoso”. No entanto, este sentido é discutido e talvez se trate do Deus chamado “o das montanhas” ou “o protetor” (TRADUÇÃO..., 1994, p. 44).

Rute vai respigar no campo de um homem do clã de Elimelec, ele se chama *Booz*, é considerado uma pessoa importante (2,1), dono de terras (2,3) e senhor de muitos empregados (2,9.15). O seu nome significa *pela força*. “O parente era também alguém obrigado pelos costumes a tomar partido dos que estavam em dificuldades. Mais tarde, foi usado com o sentido de “resgatador” (FISCHER, 1999, p. 263). Ao proteger Rute e ao providenciar a sua comodidade (2,8.14), Booz cumpre uma obrigação de assegurar os direitos dos pobres e estrangeiros. O Deuteronômio prescreve a solidariedade entre irmãos, e generosidade para com os pobres (Dt 15,11). Trata-se concretamente de permitir ao indigente saciar suas mais prementes necessidades (Dt 23,25-26). O direito que os pobres e os estrangeiros tinham de respigar era reconhecido por lei (Lv 19,9-10; Dt 24,19-22)².

Booz aparece como um homem generoso, mas Rute é quem conduz o desenrolar das ações de Booz. Ele a reconhece como uma mulher, embora moabita (2,2.6.10.21), muito virtuosa por sua lealdade à Noemi e seu povo (2,11; 3,11). “Booz entra na história como o juiz esperado. Através dele e *pela força* dele, Deus vai salvar o seu povo. O problema do povo vai ser resolvido: ele vai dar o pão (2,14-17), vai garantir a posse da terra para a família de Noemi (4,9-10) e vai gerar o filho (4,13)” (MESTERS, 1991, p. 39). Mas apesar de tudo isso, ele não lidera nada, não impõe nada, não tem proposta nem projeto, apenas executa as sugestões de Rute e Noemi (3,11).

Rute é muito ativa, saindo para prover pela sogra e trazendo para casa alimento e novidades. Sua jovialidade chama a atenção e o fato de estar sozinha causa admiração (2,5). “O Decálogo (Ex 20,17) enumera a mulher entre as demais posses, junto com o escravo e a escrava, o boi e o asno” (VAUX, 2004, p. 62). No Oriente, toda mulher pertence a alguém: pai, marido, irmão ou senhor. Com a permissão de Booz para respigar e recolher entre os feixes de trigo atrás dos seus segadores (2,7), ela trabalha incansavelmente o dia todo! Na hora da refeição, ela se farta, mas mata a sua fome sem esquecer-se de assegurar também o alimento para Noemi. O autor é incisivo e salienta que, depois de ter comido à vontade, ainda houve sobras (2,14.18). Ao final do dia de trabalho a respiga rendeu para Rute e Noemi uma grande quantidade de alimento, “quase um almude de cevada” (2,17), o que equivale a aproximadamente 45 litros (BÍBLIA..., 2003, p. 387). O trabalho no campo é a solução para saciar a fome dos pobres. A palavra respigar ocorre doze vezes!

2. A famosa lei da borda do campo e cessão da respiga (Lv 19,9-10) remonta a um rito religioso muito antigo que consistia em reservar uma parte ao deus da messe e dos frutos, observado por outros povos. Em Israel, o seu Deus colocou esta parte à disposição dos pobres de seu povo. Também a cessão da respiga, primitivamente uma oferenda ao espírito dos campos, é transformada por Israel em uma lei social (EPSZTEIN, 1990, p. 139).

Ao voltar para casa, além da fartura que as faz bendizer o Deus de Israel que as protegeu e as carregou em suas asas ao trazê-las à “casa do pão” (2,12), Rute e Noemi aclamam a Deus por usar de misericórdia para com os vivos e os mortos ao descobrir que Booz tem sobre elas o direito de resgate (2,20). Isto é, a fidelidade de Deus, a sua misericórdia, se manifesta na vida de duas viúvas, uma delas estrangeira, por meio do direito de resgate (Lv 25,25) que assegura a posse de uma propriedade familiar e da lei do levirato (Dt 25,5-10) que garante uma posteridade não só aos que estão vivos, mas também aos maridos que estão mortos.

6. Ir além do pão (3,1-18)

Saciadas com a fartura de pão, para Rute e Noemi ainda faltam a terra e uma descendência. Elas precisam de um defensor. Mas em vez do poder e da força, elas usam outros recursos: a esperteza e o encanto feminino, a coragem e o apelo à consciência.

Noemi e Rute percebem que não bastava a luta só pelo pão. Tinham de lutar também pela defesa e pelo futuro da família. A colheita chega ao fim e as duas viúvas permanecem desprotegidas. O que elas querem é encontrar solução para os problemas concretos da vida. Por isso, antes de agir, conversam para combinar as coisas (2,2; 3,1-5). E depois se reúnem para fazer uma revisão e poder planejar os próximos passos (2,18-22; 3,16-18) (MESTERS, 1991, p. 38).

O assunto da conversa entre Noemi e Rute é o resgate. A palavra resgatar, só na conversa de Rute e Booz (3,9-13), ocorre sete vezes. Noemi orienta sua nora a ir ao encontro de seu parente Booz durante a noite, assim como fez Tamar (Gn 38,6-26), para convencê-lo a cumprir o seu dever, pois ele sendo do clã de Elimelec tem direito de resgate (3,9). Porém, para conseguir levar a termo o seu plano, elas não se valem do poder. Em vez do poder e da força, elas usam outros recursos: a esperteza e o encanto feminino, a coragem e o apelo à consciência.

Muda a estação da colheita e é tempo de joeirar a cevada. Os trabalhadores se reúnem durante a joeira e à noite se alegram na eira com comida e bebida (3,7). Rute se prepara para descer a eira, banha-se, perfuma-se e veste-se para ir ao encontro de Booz. Ela não obriga, não pede um favor, não age como uma prostituta ao levantar o manto de Booz e deitar-se junto dele durante a noite enquanto ele dorme sobre um monte de cevada (3,7). Mas ao pedir-lhe que estenda seu manto sobre ela, está apelando para o direito que a lei lhe dá. Rute pede a Booz para desposá-la (3,9). Com esse gesto, o que ela está pedindo é proteção! Saciada com a fartura de pão, ainda falta-lhes a terra e uma descendência. “As intenções de Rute são mais que amorosas; a coisa mais importante que ela quer lembrar a Booz é que, pelo costume, ele é seu protetor” (FISCHER, 1999, p. 264). E ele bendiz

a Deus por sua atitude e ainda o reconhece como um ato de piedade não só com ele, mas também com o seu clã.

É a partir da perspicácia de duas mulheres viúvas que Booz toma consciência do seu dever e aceita livremente exercer o seu direito de resgate, mas existe um problema: há um outro *go'el*. A palavra hebraica *go'el* procede de uma raiz que significa “resgatar, reivindicar”, e, mais fundamentalmente, “proteger” (VAUX, 2004, p. 43-44). Havia uma solidariedade familiar entre o povo de Deus, instituída por lei. Os membros da família, mesmo em sentido amplo, deviam uns aos outros ajuda e proteção. Noemi perdeu a sua propriedade devido à fome que houve em seu país e a fez migrar; ficou pobre, na penúria e sua nora Rute também é viúva e sem filhos. Booz é um *go'el* de Noemi e de Rute, mas há um parente mais próximo que pode exercer o direito antes de Booz (3,12; 4,4). “O termo *go'el* passou à linguagem religiosa. Assim, Iahvé, vingador por oprimidos e salvador de seu povo, é chamado *go'el* em Jó 19,25; Sl 19,15; 78,35; Jr 50,34, etc., e frequentemente na segunda parte de Isaías: 41,14; 43,14; 44,6.24; 49,7; 59,20, etc.” (VAUX, 2004, p. 44).

Booz e Rute dormem juntos no campo, no meio da fartura da colheita. A noite foi fecunda. Booz aceitou exercer o seu direito e cumprir o seu dever, e, além disso, a amou e encheu o seu manto com seis medidas de cevada (3,13.15). Rute não volta para a casa de sua sogra de mãos vazias e o livro sugere que um filho vai nascer do amor entre Booz e Rute (3,17). Diferente de Noemi que foi para Moab “cheia” e voltou “vazia”, Rute foi “vazia” e voltou “cheia” (transbordando, prenhe, profusa, copiosa). Cheia de esperança, com alimento e também com novidade: Booz está disposto a lutar pelo direito delas, ele vai defendê-las! Na Bíblia o amor humano é a imagem do amor de Deus para com o seu povo (Os 2,16-22). Portanto, o que Booz faz por Rute é revelação do que Deus faz por seu povo. Ele estendeu o seu manto sobre Rute (3,9) e isto lembra Deus estendendo o seu manto sobre o povo, que é a sua noiva, na profecia de Ezequiel: “Passei junto de ti e te vi. Era o teu tempo, tempo de amores, e estendi a aba da minha capa sobre ti e ocultei a tua nudez; comprometi-me contigo por juramento e fiz aliança contigo – oráculo do Senhor Iahweh – e te tornaste minha” (16,8).

7. A lei que protege os fracos (4,1-17)

A viuvez, além da dor que a podia acompanhar, implicava pobreza. Esta situação precária tornava a viúva presa fácil para toda espécie de exploração. “A viúva israelita não usufruía nenhum direito de sucessão e a herança passava totalmente para as mãos dos filhos do falecido. Quando não havia descendentes diretos, a herança pertencia aos irmãos do pai ou ao parente mais próximo da família” (EPSZTEIN, 1990, p. 140). A viúva, o órfão e o estrangeiro, considerados

pessoas sem defesa, têm direito à proteção legal do Senhor e de seu povo (Dt 24,17-19). O Código da Aliança proíbe maltratar os pobres: se eles forem injustiçados e clamarem ao Senhor, serão atendidos e vingados pelo próprio Senhor (Ex 22,21-23). “Em nenhum outro lugar, fora de Israel, afirmou-se com tanta insistência e obstinação a proximidade de Deus a tais pobres e a certeza de sua imediata intervenção em favor deles” (EPSZTEIN, 1990, p. 140).

No que se refere ao estrangeiro, todo israelita tem o dever de lembrar-se de já ter sido também estrangeiro e escravo no país do Egito (Ex 22,20) para não esquecer que é preciso proteger os estrangeiros não somente por compaixão, bondade e caridade, mas também por sentimento de humildade. Uma vez que por sua própria história o povo de Deus experimentou a opressão e também a solidariedade fraterna vivida após a intervenção do Deus Libertador, todo israelita deveria amar o estrangeiro (Dt 10,19; Lv 19,33-34). Assim como o levita, a viúva e o órfão, o estrangeiro tem o direito da respiga e podia se beneficiar do dízimo trienal (Dt 14,29), ceifar os campos, colher os frutos das oliveiras esquecidos na árvore, vindimar as vinhas (Dt 24,19-21).

Rute e Noemi são pobres, pessoas sem defesa e esperam uma intervenção salvadora do Deus de Israel que visitou o seu povo dando-lhe pão. Elas contam com Booz para lhes garantir seus direitos: resgatar a propriedade de Elimelec e assegurar-lhe uma posteridade. Booz está disposto e se prepara para defender os direitos das duas pobres viúvas e também inserir Rute, a estrangeira de Moab, na comunidade judaíta.

Logo de manhã Booz vai até a porta da cidade (4,1), lugar onde aconteciam os julgamentos, provavelmente a única porta do vilarejo (TRADUÇÃO..., 1994, p. 1289), era lá que o povo se reunia para defender os seus direitos e decidir as suas questões. Depois chama o parente que tem direito de resgate, curiosamente é o único personagem que não tem nome no livro de Rute. E em seguida, convoca dez anciãos para serem testemunhas da causa das viúvas (4,2). Booz quer saber se o outro parente está disposto a exercer o seu direito de resgate sobre o terreno de Elimelec (4,4). A princípio o outro parente aceita exercer o seu direito. Mas a partir do momento em que Booz lhe explica que se ele resgatar o terreno, também terá que adquirir Rute, a viúva moabita, para perpetuar o nome do morto sobre o seu patrimônio, ele tira as sandálias³ e vai embora (4,5-8).

É certo que o outro parente não estava preocupado em defender a família de Noemi, mas os seus próprios interesses. Ele sabia que o terreno não seria seu, mas continuaria sendo posse da família de Noemi. A posse da terra e a situação

3. Na Bíblia, colocar o pé sobre um campo ou lançar nele a sua sandália significa tomar posse dele (Sl 60,10; 108,10). O calçado torna-se desta forma símbolo de direito de propriedade. Retirando-o e entregando-o ao comprador, o proprietário lhe transmite esse direito (BÍBLIA..., 2003, p. 388).

da família não podem ser separadas, uma está ligada à outra. Por isso é possível entender por que o livro de Rute uniu entre si a lei do resgate, que dava o direito de adquirir a terra do parente pobre, e a lei do levirato⁴, que impunha o dever de casar com a viúva do irmão falecido, embora, conforme essa lei, o outro parente não tivesse a obrigação de casar com Rute, pois não era irmão do falecido marido (Dt 25,5) (MESTERS, 1991, p. 62). Só a terra, sem um filho, não garantia a continuidade da família. Só um filho, sem a terra, não garantia o pão para sobreviver. Logo, posse da terra e situação da família estão intimamente ligadas entre si e não podem ser separadas, o pão de cada dia depende delas.

Essa é uma das propostas do livro de Rute para solucionar os problemas do povo e para a sua reconstrução. A história de Rute sugere que o pobre comece a lutar por seus direitos; que algumas leis precisam ser mudadas e atualizadas para reconstruir a sociedade de acordo com a vontade de Deus. E a vontade de Deus é que todos tenham vida em abundância!

Constata-se no livro de Rute que por trás do problema da fome está outro problema, a falta de terra e descendência. Ao suprir essa necessidade é garantido para os pobres o seu sustento com fartura. É importante notar que a palavra *resgatar* ocorre quatorze vezes, a lei do resgate defende o direito de possuir terra; e a palavra *nome* ocorre sete vezes, a lei do levirato assegura o direito de ter uma descendência. Portanto, a perfeição da lei de Deus ocorre quando se cumpre o direito do pobre.

Rute e Noemi fizeram a travessia, saíram em busca de pão e acabaram recebendo de Deus o mesmo que Abraão: terra, descendência e bênção. Os elementos da promessa de Deus feita a Abraão são evidentes no livro de Rute. Para se viver com fartura o povo precisa de terra para plantar; precisa de filhos para cultivar a terra; precisa da fé em Deus para acolher a sua bênção e com alegria se fartar de pão junto com os irmãos.

8. Mensagem do livro de Rute

O livro de Rute no início mostra vários sinais de desespero: fome, migração, morte, falta de terra, de filho e de união. Mas com a notícia da visita de Deus as duas viúvas se levantam e começam a caminhar. Durante a caminhada vai surgindo a esperança e passo a passo fazem a travessia. Comem à vontade, residem em sua pátria, possuem um campo, ganham um herdeiro. A caminhada delas não foi fácil, mas com perspicácia, a solidariedade de Booz e a confiança em Deus, ao final da história, os problemas foram resolvidos e o sonho tornou-se realidade.

4. A palavra levirato vem do latim *levir*, que traduz o hebraico *yabam*, que quer dizer cunhado (VAUX, 2004, p. 60).

A boa notícia que Deus visitou o seu povo dando-lhe pão provocou a mudança na vida de mulheres sofridas e as fez mudar de visão, começar a enxergar a situação e lutar para transformá-la. A fé em Deus e o desejo de pão, quando ligados entre si, fazem o povo levantar-se e iniciar a caminhada. Saciada a fome de pão e de justiça, Rute e Noemi se tornaram fecundas e seus nomes são contados nas gerações de Davi, o grande rei de Israel e de Jesus, o Salvador da humanidade, que nasceram em Belém, a casa do pão.

Deus é presença libertadora no meio do seu povo. Deus estava do lado de Noemi e Rute. Foi parceiro delas na luta pelo pão, restituindo-lhes a família e devolvendo a terra. Deus caminha com o seu povo sofredor! Ele mostra através de pessoas e de toda a sua criação sinais de esperança que tornam possível fazer a travessia da falta de pão para a fartura que sacia a fome de pão e a sede de justiça.

Transparece a bondade de Deus para com os mais necessitados. A visita que Deus faz a essas mulheres lhes traz a possibilidade de uma longa duração de vida, quer porque passam da condição de uma vida de penúria para uma vida de fartura que lhe dá condições dignas de subsistência ou porque prolongam a sua existência ao conceber um filho capaz de lhe garantir uma posteridade, colaborando com o projeto salvífico de Deus na história até a vinda do Messias.

Deus não faz acepção de pessoas! Deus aceita todos os que a Ele recorrem, ou melhor, “se refugiam sob suas asas” (2,12), ainda que estrangeiros, ainda que pertençam a inimigos declarados de seu povo, como Rute, membro do povo moabita, considerado adversário de Israel (Lv 18,16; 20,21; Dt 23,4-7). O cuidado de Deus para com a viúva e a estrangeira evidenciam a opção preferencial pelos pobres.

Os personagens ensinam com suas ações: Elimelec se destaca por sua dedicação, para salvar a sua família da fome se refugia em terra estrangeira (1,1); Noemi com sua generosidade esquece-se de si mesma e passa a cuidar das suas noras (1,8-13); Rute abandona a própria família, pátria e religião para acompanhar a sogra (1,14-18); Booz defende o direito de parentesco (2,8-17). Assim, Noemi mostra-se como o símbolo da solicitude, Rute da docilidade e piedade familiar e Booz da dedicação aos parentes. Por outro lado, a fidelidade de Rute contrasta com a atitude de Orfa (1,14), e com a generosidade de Booz (4,9), o egoísmo do parente não denominado (3,12; 4,4).

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, R.; FITZMYER, J.A.; MURPHY, R.E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*: Antigo Testamento. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012.

CRB. *Sabedoria e poesia do povo de Deus*. São Paulo: Loyola, 1993.

CROCETTI, G. *Josué, Juízes e Rute*. São Paulo: Paulinas, 1985.

EPSZTEIN, L. *A justiça social no Antigo Oriente Médio e o povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990.

FISCHER, J.A. Rute. In: BERGANT, D.; KARRIS, R.J. (orgs.). *Comentário Bíblico (Volume II)*. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINS, P.Z.R. *A visita de Deus: fundamentos bíblicos e ação pastoral*. 2017. 104f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

MCKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

MESTERS, C. *Como ler o Livro de Rute: pão, família, terra*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SIMÕES, C.A.; MARTINS, P.Z.R. De Belém virá uma esperança: Miqueias 5,1-3. In: ROSSI, L.A.S. (org.). *Miqueias: memórias libertadoras de um líder camponês*. São Paulo: Paulinas, 2016.

TRADUÇÃO Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1994.

VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

VIRGULIN, S. Rute. In: BALLARINI, P.T. (org.). *Introdução à Bíblia (II/2)*. Petrópolis: Vozes, 1976.

Patrícia Zaganin Rosa Martins

Rua Araçatuba, 580, ap. 402, bl. 3 – Amaro
86062-340 Londrina, PR
patriciazaganin@hotmail.com